

## SOBRE O CONCEITO DE FILOSOFIA EM WALTER BENJAMIN

Ricardo Lavalhos Dal Forno<sup>1</sup>  
Paulo Rudi Schneider<sup>2</sup>

### Resumo

A concepção de Filosofia de Walter Benjamin é determinada pela compreensão da “contradição da linguagem”. A Contradição da Linguagem nasce da ambivalência inerente a qualquer acontecer da linguagem, que pressupõe duas dimensões fundamentais. Por um lado pretende-se apontar para conteúdos que existem externamente aquele que usa instrumentalmente a linguagem, na descrição de uma realidade que existe independente de quem a descreve, na objetivação de conteúdos e fundamentos, tendo na subjetividade a segurança do conhecimento. E por outro lado a linguagem é vista como a possibilidade da realização de qualquer aparição dentro da totalidade onde sempre se está, o que impossibilita a definição absoluta de tal totalidade, pois a mesma linguagem é a sempre expressão parcial de algo participando de um todo impossível de ser definido, onde nenhum sujeito pode organizar e compreender de fora o mundo empírico. Pensar a questão da Filosofia em Benjamin, tendo em vista seu conceito de linguagem, é movimentar épocas passadas ainda presentes em forma de discursos positivados e comportamentos normalizados a comandar cada gesto do cotidiano, possibilitando um recordar que noticia um encontro consigo mesmo e com todas as outras coisas e épocas na unidade total que sempre se está. Nesta unidade, qualquer tentativa de fundamentação e justificação será acompanhada pela linguagem, que é a forma de participação no todo suposto, e tal fato é esquecido na objetivação absoluta fundamentada pela segurança da subjetividade separada. A Contradição da Linguagem, assim, é a situação em que o homem se encontra e que possibilita sua compreensão esquecida em objetivação, ao mesmo tempo em que diz respeito à possibilidade de recordação do encontro que já se é dentro de uma totalidade jamais passível de ser definida e explicada absolutamente. A Filosofia, então, que surge da descoberta da “contradição da linguagem” não é um campo de manutenção e justificação de determinados conceitos e fundamentos dentro de uma rede sistemática, mas sim atividade que pretende descobrir as falsas totalidades dogmáticas que participam do todo não definível. A Filosofia de Benjamin, portanto, diz respeito à esfera do silêncio da recordação que empresta sua atenção aos mais diferentes discursos que participam do encontro dentro da unidade total.

**Palavras-Chave:** Walter Benjamin, Filosofia, Linguagem.

### Introdução

É conhecida a passagem do “Processo” de Kafka (2006, p.214) no qual é contada a estória de um homem do campo que diante da Porta da Lei pede permissão ao porteiro, guardião da entrada na Lei, para entrar. O porteiro responde dizendo que agora não é possível sua entrada, mas talvez mais tarde. O homem do campo senta então em um banco e na frente da Porta da Lei espera durante anos a permissão de entrada. No final de sua vida, velho e fraco, o homem sentado em frente à Porta da Lei pergunta ao porteiro porque em todos esses

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Bolsista PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Professor orientador, pesquisador doutor do Departamento de Filosofia e Psicologia da UNIJUÍ

anos ninguém, além dele, tentou entrar por esta porta. E o porteiro responde que a razão é que a entrada de ninguém mais seria permitida, uma vez que aquela porta estava destinada apenas a ele, ao homem do campo que morre diante da porta sem nunca nela entrar.

A Porta da Lei, assim, é justamente destinada àquele que ainda acredita na existência da Lei, para àquele que pensa ainda ser possível a fundamentação absoluta para alguma doutrina ou crença compreensiva, e assim espera pacientemente por toda a vida a oportunidade de entrar, acreditando que a fundamentação de sua crença é definitiva e dele independente.

Na Contradição da Linguagem de Walter Benjamin, trata-se de compreender a dualidade da linguagem em que, por um lado, pretende-se instrumentalmente apontar para conteúdos que existem externos a quem a descreve, na objetivação de conteúdos e fundamentos por um sujeito seguro de sua independência, e, ao mesmo tempo, por outro lado, a mesma linguagem é vista como a possibilidade da realização de qualquer aparição dentro da totalidade em que sempre se está. Essa condição impossibilita a definição absoluta de tal totalidade, pois a mesma linguagem é a constante expressão de algo dentro da própria totalidade em que na linguagem tudo está a participar e a se definir. A “contradição da linguagem”, deste modo, possibilita o conhecimento das coisas como se fossem separadas daquele que conhece e da linguagem que instrumentalmente expressa esse conhecimento. E ao mesmo tempo possibilita o dar-se conta do comprometimento inevitável do falante com o que diz, uma vez que a linguagem é sempre manifestação do próprio falante participando da totalidade impossível de ser definida.

Pensar o paradoxo da linguagem é movimentar épocas passadas ainda presentes em forma de discursos positivados, explicações objetivadas e comportamentos normalizados, como os destroços e ruínas do passado que o Anjo da “IX Tese Sobre Filosofia da História” (BENJAMIN, 1991, p.159) contempla com horror, pois já se faz sempre parte da catástrofe em andamento, do processo da queda na objetivação esquecida, onde se pode apenas, por um momento de despertar, compreender com espanto a si mesmo como resultado das ruínas e destroços da História. Porém, dar-se conta da “contradição da linguagem” é também perceber que todos os deuses erguidos e instituídos a fundamentar qualquer discurso, julgamento e comportamento são criações humanas e nunca uma totalidade encerrada. Portanto, qualquer fundamentação e explicação que se pretenda última e absoluta podem ser derrubadas, para que nova participação possa emergir em seu lugar.

A imagem criada por Kafka, do homem sentado em frente à Porta da Lei, pode bem ser uma imagem que representa tal questão, pois pode representar o enigma da condição da “contradição da linguagem”. As construções do Direito, ou de outra qualquer doutrina absolutista, possuem a pretensão de serem objetivas para em seu vigor administrar a ordem do cotidiano. Porém, a imagem da Porta da Lei nos mostra a relativização do absolutismo, pois representa a objetividade sendo destroçada, uma vez que a entrada pela Porta só é destinada para aqueles que acreditam na sustentabilidade da fundamentação da Lei. A Porta da Lei, que representa a fundamentação segura e absoluta de uma crença compreensiva, existe apenas como ilusão gerada pela queda na objetivação na contradição da linguagem. A lei não pode existir como fundamento último, pois, como está expresso na contradição da linguagem, toda fundamentação se dá num todo impossível de ser fundamentado. O homem na frente da Porta da Lei, na estória de Kafka, indaga, pede, mas recebe sempre como resposta que deve permanecer no local em que já está: em frente à Porta da Lei. Porta, esta, que é justamente destinada a ele, pois é ele quem acredita na existência da Porta. Isto é, a segurança da objetividade de uma crença compreensiva só existe em razão do comprometimento daqueles que acreditam em tal segurança, e não pode, então, tal objetividade ser independente daqueles que crêem em sua sustentação.

No transcurso de suas reflexões sobre a linguagem e sobre a Filosofia, Walter Benjamin escreveu “Origem do Drama Barroco Alemão” (1984, p.49), e “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte” (1989, p.137), que aqui são ocupados.

### **A Verdade e o Teatro do Mundo**

Na introdução da obra “Origem do Drama Barroco Alemão” (1984, p.49), Benjamin reflete sobre o sentido e o método da “apresentação” filosófica<sup>3</sup>. Após a queda paradisíaca, com o fim da imediatez do conhecimento pelo nome, quando o homem passa a tomar a linguagem como mera comunicação de algo exterior, não é mais possível captar a diretamente a verdade. Após a expulsão do paraíso relacionada com a corrupção da linguagem, o homem perdeu a unidade que o ligava de modo perfeito ao mundo e a natureza, ocorrendo a separação entre entendimento e mundo. Tal é a razão de Benjamin iniciar este texto afirmando que é

---

<sup>3</sup>A tradução para o português que dispomos da obra “Origem do Drama Barroco Alemão” de Benjamin, feita por Sergio Paulo Rouanet, usa o termo “representação” para a tradução da palavra alemã “darstellung”. Porém, na obra que nos orienta nesta interpretação da teoria da linguagem de Benjamin, é utilizado na tradução o termo “apresentação” (SCHNEIDER, 2008, p.299). Usaremos, então, o termo “apresentação”, pois ele nos parece mais adequado à interpretação que seguimos, uma vez que dá a entender que algo só adquire existência ao ser exposto, apresentado, e também é justamente da linha da filosofia da representação, no sentido da ideia de uma representação mental pelo sujeito de objetos exteriores, que Benjamin, em nossa interpretação, parece querer distanciar-se.

próprio do pensamento filosófico deparar-se sempre com a questão da “apresentação” de si na escrita (BENJAMIN, 1984, p.49), pois agora o pensamento, antes imediato, precisa ser cuidadosamente revelado pela escrita. A apresentação filosófica expressa uma tentativa de abordar um saber que de outro modo poderia perder-se. Mas não se trata de uma apresentação direta, de um só fôlego, mas sim de um caminho que se dará pelo desvio, de um “parar e recomeçar”. A apresentação filosófica não pode pretender produzir certezas absolutas sobre o próprio discurso, na repetição sempre igual de certos princípios. O método da apresentação filosófica, portanto, “é caminho indireto, é desvio” (BENJAMIN, 1984, p. 50).

O pensamento começa sempre de novo, e volta sempre minuciosamente às próprias coisas. Este fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência de seu ritmo (BENJAMIN, 1984, p. 50).

Isto é, tal como o tecer de Penélope, deve a contemplação filosófica sempre recomeçar seu trabalho, e ela não é capaz de se apropriar da verdade –“como um ladrão se apropria de bens alheios” (BENJAMIN, 1984, p.67) – de um só golpe, pelo uso da dedução. Seu método não será a repetição convencional de certezas. Isto significa que “um esoterismo é inerente a tais projetos” (BENJAMIN, 1984, p.50), no sentido de ser diferenciado das demais apresentações, no sentido de através do “desvio”, possuir certo caráter inédito, de um acontecer imprevisível, que não se entrega a uma fixidez repetitiva, ao mesmo tempo em que sempre exige reflexão quanto a sua expressão na escrita.

Na Filosofia, portanto, a verdade, segundo Benjamin, não é exposição de determinado conhecimento através de proposições logicamente organizadas e estruturadas, mas sim uma apresentação constante do ser da verdade, que nunca será esgotado em nenhuma apresentação. A Filosofia possibilita, assim, uma aparição da verdade, isto é, pode ela construir uma imagem da verdade, como em um mosaico, mas não deve a Filosofia ter a ambição de capturar a verdade “unitária e indivisível por natureza” (BENJAMIN, 1984, p.55). Sua idéia de tarefa de Filosofia leva Benjamin a uma crítica as filosofias sistemáticas do século XIX.

Na medida em que a filosofia é determinada por esse conceito de sistema, ela corre o perigo de acomodar-se num sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade voasse de fora para dentro (BENJAMIN, 1984, p.50).

O conjunto sistemático é apresentado de tal forma que tudo é calculado dentro de si mesmo, sem incluir em si aquele que calcula e sem desconfiar de que todo calculável feito dentro do sistema pressupõe a participação em um todo incalculável, em uma unidade ao qual

todo cálculo feito já pertence e que cálculo nenhum pode dominar, pelo simples fato de que qualquer cálculo feito já é participação nele. A verdade, que leva em conta a participação, sempre supõe a totalidade onde qualquer jogo teórico se dará. E esta é a “esfera da verdade visada pela linguagem” (BENJAMIN, 1984, p.49), que impossibilita a total objetivação de sentido por intermédio de conceitos e proposições em um sistema fechado que poderia regredir logicamente até a frase que tudo fundamente e não necessitasse de fundamentação.

Benjamin neste texto faz uma clara distinção entre verdade e conhecimento: “a especificidade do objeto do saber é que se trata de um objeto que precisa ser apropriado na consciência, ainda que seja uma consciência transcendental” (BENJAMIN, 1984, p.51). O conhecimento pressupõe a existência de um objeto de saber que pode ser fixado em proposições por um sujeito que está separado deste objeto e do conhecimento que dele resulta. Já a verdade precisa ser compreendida como uma unidade total que supera o sujeito do entendimento. A verdade, então, pensada pelo viés da linguagem, não pode ser confundida com o conhecimento, pois ela vai além da adequação de enunciados entre si e entre as palavras e as coisas, apontando para algo exterior a si. O conhecimento pressupõe a manipulação, mas a verdade não pode ser manipulada instrumentalmente, pois qualquer manipulação se dará na participação na própria verdade enquanto totalidade, que não pode ser comunicada absolutamente de modo meramente discursivo.

“A verdade não é desnudamento, que aniquila o segredo, mas revelação, que lhe faz justiça” (BENJAMIN, 1984, p.53). O filósofo como amante da beleza da verdade deve compreender a verdade como “fulguração”, como um “aparecer” (SCHNEIDER, 2008, p.314) que faz justiça a sua beleza e a seu segredo, isto é, que faz justiça a sua intocabilidade, a seu mistério metafísico, não querendo reduzi-la a questões do entendimento, a um mero “desnudamento” de seu segredo.

A verdade, portanto, é a unidade total dentro da qual qualquer luta de certezas se dará. Ela é o pressuposto ideal inalcançável que sempre move a luta por certezas do conhecimento. Esta concepção benjaminiana de verdade faz com que o homem se veja colocado em uma relação com toda a natureza, como também com toda a história, pois tudo se deu, se dá e se dará, participando desta totalidade, como um aparecer da verdade. Tal concepção de verdade, e tendo a “contradição da linguagem” como pano de fundo, Benjamin parece supor ao analisar a obra de Kafka, no texto “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte” (1989, p.137)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Benjamin parece propor uma leitura das obras kafkianas tendo a “contradição da linguagem” como pano de fundo. O uso deste texto de Benjamin sobre Kafka, num estudo sobre o conceito de Filosofia benjaminiano, se

Kafka, no entender de Benjamin, teria compreendido sua situação de administrado e comandado por juízes invisíveis escondidos no sótão de sua compreensão, como no romance “O Processo” (2006), ou por secretários do sistema encastelado que ordenam o cotidiano, como no “Castelo” (2007). Juízes e secretários que parecem afundar quando buscados e descobertos, mas que na normalidade cotidiana burocrática não perdem seu poder de ordenamento. Os funcionários das histórias de Kafka representariam, portanto, a cultura viva, a riqueza acumulada de milênios e esquecida. Eles são a tradição muitas vezes esquecida, mas que exige que seus padrões sejam aplicados na atividade do presente, em gestos e em conteúdos da linguagem.

A compreensão no presente se dá, assim, em comprometimento com forças do passado esquecidas, ordenando, assim, as rotas e os caminhos já de antemão, onde parece ser negada a possibilidade de fuga do que está em ocorrência contínua. O passado nos acompanha em todo momento, mesmo sem ser percebida. Há, em Kafka, o contínuo processo original, a culpa e o castigo sempre presentes, que sustentam a ilusão da separação objetiva na “contradição da linguagem”. Assim, os acusados esquecidos sempre se sentem injustiçados e seguros de sua inocência. Porém, imaginar que não há culpa a ser expiada é justamente a maior culpa, pois é esquecer que se é parte da catástrofe em andamento e com ela se está comprometido. No “Processo” (2006) de Kafka, mesmo não conhecendo sua acusação, o personagem K. mantém com firmeza sua inocência até o fim, pois se trata o tempo todo justamente do esquecimento da culpa, do esquecimento do comprometimento com as forças de todos os séculos.

Para Benjamin há uma concepção de tempo em Kafka. Nas histórias de Kafka, mesmo nos gestos mais insignificantes, o homem movimentaria “períodos cósmicos” (1989, p.138). Podemos entender com isto que em qualquer pequeno gesto cotidiano no ocorrer prático da vida há a presença de mitos, teorias e critérios ancestrais que reivindicam repetições no presente. Não há mais a sequência de causa e efeito no tempo de Kafka, pois tudo está presente, até o mais arcaico, de forma multifacetada e fragmentada nos comportamentos atuais ativados pela compreensão normalizada e pela linguagem que tudo carrega, onde ser no mundo é ser na linguagem, pois já se estará sempre compreendendo conforme significações já há muito tempo elaboradas na linguagem.

Neste sentido, lembra Benjamin (1989, p.139), que a figura paterna ganha grande importância nos contos Kafka, pois os pais são os mensageiros e administradores do que já

---

justifica pelo fato de Kafka ter expressado em suas obras, segundo Benjamin, a condição da compreensão humana na “contradição da linguagem”. A exposição de tal condição da compreensão humana parece ser necessária para melhor se compreender as reflexões de Benjamin sobre Filosofia.

está estabelecido. E o filho é de certa forma o pai ainda em ocorrência por compreensão natural. No entanto, não é possível negar a influência do pai, pois ele é sempre força a agir na compreensão do filho, mesmo quando este tenta dar origem uma nova compreensão sem comprometimento com o pai. Na há, desta forma, lugar de ruptura entre passado e presente, entre pai e filho, pois todo passado está a germinar no útero do presente. Benjamin também lembra que “há muitos indícios que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos em Kafka” (1989, p.139), pois, pais e funcionários em Kafka exercem seu poder através de códigos e normas que quem às recebe não pode reconhecer os princípios de tais ordens, já que pais e funcionários, no mundo e Kafka, são porta-vozes do passado esquecido presente a ordenar as repetições compreensivas costumeiras.

Trata-se do “processo” da compreensão, em que se está em meio a um jogo já a muito iniciado, regulado por regras em grande parte das vezes desconhecidas, onde os juízes e funcionários que ordenam o jogo estão escondidos em sótãos, porões e quartos de estalagens inacessíveis ao jogador culpado, como no “Processo” e no “Castelo” de Kafka. Neste contínuo processo que acusa a humanidade de uma culpa esquecida, as decisões são tímidas e burocratizadas, pois representam a idéia de que raramente se é capaz de interferir no processo ou de interrompê-lo. Raramente acontece o que aconteceu com o personagem Gregor Samsa em sua “Metamorfose” (2007) que com sua transformação, que não por acaso acontece na casa dos “pais”, interrompe e vai além das repetições da compreensão rotineira, iniciando, com isto, uma nova seqüência de eventos.

Os acusados que ao menos ouvem o processo podem tentar desvendar e interromper o ordenamento em fluxo, buscando a todo o momento aqueles juízes e funcionários sempre mantidos em segredo em sótãos, porões e quartos de estalagens, e colocando em perigo a totalidade pretensiosamente segura de si. Neste sentido, os acusados são também acusadores, pois não aceitam a ordenação da vida imposta por fundamentação não conhecida e acusam todo o sistema pela sua insuficiência. Os acusados que ouvem o processo são sempre como agrimensur K. em “O Castelo”, pois são sempre forasteiros, estrangeiros, diferenciando-se da massa que é incapaz de ouvir o processo e que por isso segue em sua obediência cega aos comandos que desconhece em sua compreensão automatizada.

Em Kafka, pensa Benjamin (1989, p. 145), há a compreensão que se está sempre participando do teatro do mundo. Como o teatro de Oklahoma do romance “América” de Kafka. O homem, assim, é como um ator obrigado a dar seguimento a uma peça já em andamento no palco. O homem, no teatro do mundo, sendo ele mesmo, interpreta personagens há muito tempo elaborados, papéis há muito tempo criados. O teatro de Oklahoma é a

efetividade de compreensões organizadas e ativadas na linguagem ao transcorrer de milênios. Encarna-se, assim, no prático da vida, a memória de milênios, o resumo do repertório de inúmeras compressões já realizadas e objetivadas. Disto parece ter se dado conta o personagem K. no final do “Processo” (2006, p.227) ao perguntar aos dois homens que o levariam à morte para qual teatro eles trabalhavam. Os dois não compreendem a pergunta, e se olham sem saber o que dizer, mas seu espanto pode nos levar a entender que foram afetados pela pergunta.

Benjamin também chama a atenção para o especial interesse que tem Kafka pelos gestos (1989, p.146). Os gestos dos personagens estariam expressando acontecimentos e imposições teóricas de milênios que ainda estão presentes. Para acentuar este fato, os personagens de Kafka estão sempre realizando gestos exagerados.

Essas milenares determinações compõem a totalidade em que o homem participa, como indica o texto de Kafka chamada “Muralha da China” (apud Benjamin, 1989, p. 148). Num grande todo em acontecimento empírico, a multiplicidade das tarefas e funções não permite que o homem simples compreenda todo o enredo, todas as relações em andamento. Os limites da compreensão do homem comum tornam-se evidente perante a totalidade em andamento prático. Existe também no mundo da vida esse grande todo, essa grande “Muralha da China” sempre em construção, onde cada homem singular está participando desempenhando sua tarefa, seu papel no teatro do mundo, pensando, compreendendo, falando e sendo. Talvez, então, a razão de as parábolas de Kafka nos soarem muitas vezes incompreensíveis, seja justamente para nos mostrar os limites da nossa própria compreensão, no que diz respeito a esta totalidade infinita sempre em construção.

Para Benjamin, personagem principal do processo de Kafka não é K., nem o juiz, nem os funcionários, mas o esquecimento (BENJAMIN, 1989, p.159). O acusado é aquele que “esquece que há esquecimento” (SCHNIEDER, 2008, p.417). Não lembra o acusado de seu esquecimento, de seu comprometimento com este todo, e então pretende buscar solidez externa em suas justificativas e objetivações. O acusado esquece-se das forças cósmicas que fazem parte de seu ser e que o condiciona constantemente. Trata-se do eterno processo onde o homem é simultaneamente acusado e acusador, pois é culpado da objetivação e do esquecimento ao mesmo tempo em que pretende julgar e acusar de forma descomprometida, justamente em razão do esquecimento. A culpa sempre diz respeito à tentativa de criação de um mundo separado de si, do qual não se participa, fora do grande todo, no qual se pode julgar e intervir de maneira descomprometida, sem nele sujar as mãos e sem se dar conta destas forças atuantes da tradição. Kafka teria expressado em suas estórias tal culpa,

colocando seus personagens, retratos dele mesmo, num lento e angustiante processo de condenação. Não há nada de novo objetivado nas estórias de Kafka. Há só o esquecido a dar sinais de si, criando um mundo do pensamento em angústia.

Das forças do mundo do esquecimento surge o singular personagem Odradek de Kafka (BENJAMIN, 1989, p.158). No conto kafkiano “A Preocupação de um Pai de Família” Odradek é um ser que existe, respira e fala, mas não se sabe exatamente o que ele é. Odradek pode ser compreendido como o símbolo do esquecimento no exercício da objetivação. Os fios antigos e enrolados que perfazem o corpo do personagem são os fios das mais diversas tradições que se ajuntam em torno de seu corpo e de alguma forma formam uma unidade. Odradek é composto do lixo do pântano de toda a tradição, que na repressão do presente muitas vezes se quer jogar fora ou ignorar, mas que mesmo assim se impõem e aparece nos lugares menos esperados, naqueles lugares onde se encontram os objetos esquecidos, e que assim impõem a necessidade da recordação. A estranha figura nos lembra da agonia da situação da compreensão humana e da necessidade da recordação.

A razão deseja possuir autonomia total para o julgamento das coisas, porém Odradek simboliza a lembrança da escravidão da alma com todo o pântano do esquecimento. A razão sonha em dar a última palavra, a explicação absoluta, mas Odradek surge trazendo consigo a angústia da lembrança de que qualquer compreensão e apresentação expressiva é sempre precária, pois não pode possuir fundamentação absoluta. Odradek, com sua forma misteriosa, lembra que as perguntas sobre o mistério das coisas e da vida humana podem não ter uma resposta absoluta. Odradek representa o esquecimento. Esquecimento que nos angústia. Esquecimento que gostaríamos de esquecer, mas que dele nos lembra este estranho ser. Odradek de Kafka nada explica quando surge, mas surge justamente para zombar com um riso debochado da inocência do sujeito que pretende emitir um julgamento absoluto e descomprometido. O personagem, representante do recalcado e esquecido, traz consigo a lembrança da “contradição da linguagem”, pois mostra a fraqueza de toda objetivação, ampliando os horizontes da compreensão ao apontar para o caminho da recordação.

E vida torna-se surpreendentemente curta quando se pensa nos infinitos detalhes possíveis de serem recordados (KAFKA, apud Benjamin, 1989, p.160). Toda uma vida talvez não seja suficiente para a recordação de todos os tempos comprimidos em um único segundo vivido. Porém, à volta em direção ao passado, na recordação, possibilita uma compreensão mais rica da situação em que já se está. Há nas estórias de Kafka uma tribo que compreendeu muito bem isto. Os chefes e porta-vozes desta tribo de Kafka são os estudantes (BENJAMIN, 1989, p. 162). O martelar esforçado do estudo também faz parte do infinito presente, mas ele

é capaz de revelar muitos dos infinitos aspectos secretos presentes na execução do teatro do mundo, coisa que os demais atores, empenhados nas repetições práticas e esquecidas da vida, não são capazes de perceber. Todos os gestos e todas as palavras que cotidianamente parecem insignificantes, os inúmeros discursos teóricos já objetivados e muitas vezes não lembrados, tornam-se objeto do entusiasmado estudo, possibilitando a recordação da infinitude que acompanha qualquer acontecer na vida.

É, então, para trás que conduz o estudo dos estudantes kafkianos. O estudo é retorno, é volta, pois ele nos faz retroceder, buscando a descoberta do que está esquecido e presente na organização do teatro do mundo. Cada palavra dita, cada gesto feito, merece a atenção dos estudantes kafkianos. A recordação do passado presente em cada palavra e em cada gesto do cotidiano é o estudo em galope contra a atividade do esquecimento. Tudo no teatro do mundo está carregado do fardo do passado esquecido; no estudo se trata de cavalgar em direção a este esquecimento e desvendar as forças arcaicas presentes na peça de teatro da vida.

### **Conclusão: Filosofia e Contradição da Linguagem**

Em seu texto sobre Kafka, Benjamin nos lembra de uma fotografia da infância do escritor:

A foto foi tirada num desses ateliês do século XIX, que com seus cortinados e palmeiras, tapeçarias e cavaletes, parecia um híbrido ambíguo da câmara de torturas e sala do trono. O menino de cerca de seis anos é representado numa espécie de paisagem de inverno, vestido com uma roupa de criança muito apertada, quase humilhante, sobrecarregada de rendas. No fundo, erguem-se palmeiras imóveis. E, como para tornar esse acolchoado ambiente tropical ainda mais abafado e sufocante, o modelo segura na mão esquerda um chapéu extraordinariamente grande, com largas abas, do tio usados pelos espanhóis. Seus olhos incomensuravelmente tristes dominam essa paisagem feita sob medida pra eles, e a concha de grande orelha escuta tudo que se diz (BENJAMIN, 1989, p.144).

Nesta foto, a criança Kafka está colocada numa paisagem predeterminada, mergulhado num mundo já ordenado de antemão. O cenário na foto é vestido com adereços que o modelo da foto não é capaz de visualizar totalmente. Talvez o próprio Kafka desaparecesse em meio a esta paisagem programada se não fosse pela imensa tristeza de seus olhos e pelas suas orelhas que ouvem tudo o que se diz. O mesmo pode ser dito sobre o Kafka adulto, em suas obras, pois ele também nota com tristeza que se encontra em um mundo já predeterminado, onde as rotas da compreensão já parecem ter sido traçadas, mas onde pode com sua grande orelha de gênio-artista prestar a atenção e tenta desvendar estas paisagens e estas rotas já programadas.

A dificuldade de ouvir e desvendar as predeterminações da paisagem da vida, seus mitos, critérios e fundamentos esquecidos, é que sempre se está fazendo parte dela, não podendo haver afastamento suficientemente seguro para um julgamento. A tristeza dos olhos

de Kafka como que anuncia esse sentimento de se sentir abandonado num mundo já montado, mas ao mesmo tempo saber que se é parte da paisagem, não podendo dela se separar para decodificá-la definitivamente. Trata-se justamente da dualidade da contradição da linguagem, em que por um lado objetiva e absolutiza cenários e fundamentos, e por outro lado sempre oferece a possibilidade da crise do instituído e a relativização da fundamentação, pois todo instituído e toda fundamentação é percebida como já sendo parte da compreensão que se dá no encontro numa totalidade – a totalidade da verdade – que ainda não foi absolutamente compreendida.

Na concepção de Walter Benjamin, portanto, há duas maneiras fundamentais em que a linguagem se exprime. A primeira se caracteriza por ser objetivação, no apontar para fundamento suposto, na estratégica manutenção de si mesmo, no uso da linguagem como instrumento de sinalização externa, onde o falante aponta para algo separado dele que fala, na afirmação além de si. Por este viés a linguagem permite a construção de edifícios teóricos que não pretendem jamais serem derrubados, na confiança segura de fundamentação sólida, parecendo necessitar de cega obediência, como o mundo dos pais e funcionários kafkianos. A segunda forma de expressão da linguagem possibilita o retorno à verificação das fundamentações, onde se pode dedicar a atenção a todo caminho já percorrido, libertando-se pela força da recordação, pela lembrança trazida pelo aparecer do misterioso Odradek, e como o estudo dos estudantes kafkianos.

Nessa segunda maneira pelo qual a linguagem se exprime, ela é concebida como manifestação de algo participando de uma verdade total que sempre se supõe. Nesta totalidade, todas as tentativas de fundamentação fazem parte de seu acervo expressivo. Assim, qualquer tentativa de fundamentação absoluta é acompanhada pela linguagem, o que no absolutismo da objetivação se está a esquecer. A Filosofia decorrente da “contradição da linguagem”, deste modo, possibilita a recordação das inúmeras possibilidades de interlocuções com teorias já objetivas e ainda presentes na aplicação esquecida do cotidiano. Assim, a paisagem compreensiva já montada pelas objetivações da linguagem pode ser percebida pelo atento escutar filosófico, mas não há como dela se afastar para compreender de forma sem com ela se comprometer. Resta a angústia do dar-se conta do encontro em que se está – como o menino Kafka de olhos tristes, que, por não poder se afastar da paisagem que está, não perde a tristeza de seu olhar, mas escuta atentamente os recados que lhe dá a paisagem montada que é também sua morada.

Porém, torna-se necessário perguntar: qual o sentido de ainda insistir na busca pela compreensão filosófica se qualquer fundamentação é sempre precária e ela pode sempre ser

eliminada para imersão de uma nova participação e onde a paisagem total jamais poderá ser definitivamente decodificada? Talvez a resposta para a pergunta seja justamente a permanência na questão, como o personagem do “Processo” de Kafka que permanece a vida todo em frente à Porta da Lei, sem nunca cruzar por ela. Kafka não permite que seu personagem cruze pela Porta da Lei e se perca no esquecimento das promessas objetivas do futuro. Benjamin, no livro “Rua de Mão Única”, escreveu:

Quem pergunta sobre o futuro a benzedoras abre mão, sem o saber, de um conhecimento interior do que está por vir, que é mil vezes mais precioso do que tudo que é dado ouvir lá (...). Observar com exatidão o que se cumpre a cada segundo é mais decisivo que saber de antemão o mais distante. Signos precursores, pressentimentos, sinais atravessam dia e noite nosso organismo como batidas de ondas. Interpretá-los ou utilizá-los, eis a questão (...). Daí, inopinadamente irrompe fogo ou do céu sereno vem uma notícia de morte, no primeiro o pavor mudo, um sentimento de culpa, a informe censura: no fundo você não sabia? Da última vez que falou do morto, não soava diferente o nome dele em sua boca? Não lhe faz sinal, do meio das chamas, a noite de ontem, cuja linguagem só agora você entende? E se um objeto que se amava se perdeu, não havia já, horas, dias antes, um halo, zombaria ou tristeza em torno dele, que o traía? Como raios ultravioletas a lembrança mostra a cada um, no livro da vida, uma escrita que, invisível, na condição de profecia, glosava o texto (BENJAMIN, 1995, p.63).

Já no texto em que comenta a obra de Kafka, Benjamin diz: “a porta da justiça é o direito que não é mais praticado, e sim estudado” (BENJAMIN, 1989, p.164). A eterna espera em frente à Porta da Lei é, justamente, a permanência na questão, e representa o fim das repetições empíricas cotidianas e a possibilidade do estudo, do caminho de volta, da escuta atenta e da lembrança das forças históricas de todos os séculos atuantes no desejo de cruzar pela mesma Porta e de se solidificar um futuro repleto das repetições esquecidas resultadas dos mitos objetivados na contradição da linguagem. A permanência na questão é a possibilidade do caminho da lembrança, da recordação, que também faz abrir diante de si um novo mundo, uma “profecia”, um “livro da vida”, uma “escrita”, na visão de um novo futuro no velho passado presente; no silêncio da lembrança filosófica capaz de escutar o mundo cotidiano respirar.

A Filosofia, portanto, que atenta para tal questão, se coloca além de qualquer retórica estrategicamente organizada a rodar sobre si mesma. A Filosofia, então, se caracterizaria por manter-se atenta em frente à Porta da Lei, e assim pode realizar a escuta silenciosa dos mais variados discursos que participam da totalidade, percebendo as mais variados adereços que compõem a paisagem da vida, ouvindo as mais variadas bobagens que participam do riso da vida, sem nunca se entregar definitivamente ao brilho sedutor de qualquer última explicação, sem nunca cruzar pela Porta da Lei.

Trata-se de ouvir com atenção o que já foi instituído, de descobrir as vestimentas que vestem o presente, nesse cenário que há milênios foi montado com palavras e que apenas espera o modelo para uma nova objetivação fotográfica. Talvez a tristeza dos olhos do menino Kafka seja compensada pela compreensão do encontro que se está na unidade total da verdade. No fim, fica a pergunta de Benjamin: “no fundo você não sabia?”

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo SP: Brasiliense, 4 ed. 1989. 253 pag. (OBRAS ESCOLHIDAS, volume I).

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão.** Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo SP: Brasiliense, 1984. 275 pag.

BENJAMIN, Walter, **Rua de Mão Única.** Tradução: Rubens Rodrigo Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo SP: Brasiliense, 5 ed. 1995. 277 pag. (OBRAS ESCOLHIDAS, Volume II).

BENJAMIN, Walter. **Sociologia.** Organizador e Tradutor: Flávio R. Kothe. São Paulo SP: Ática, 2 ed. 1991. 255 pag.

D'ANGELO, Martha. **Arte, Política e Educação em Walter Benjamin.** São Paulo SP: Loyola, 2006. 118 pag. (Leituras Filosóficas)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin.** São Paulo SP: Perspectiva, 2009, 114 pág.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3 ed. 1999. 126 pag.

KAFKA, Franz. **O Processo.** Tradução: Modesto Carone. São Paulo SP: Companhia das Letras, 2006. 271 pág.

KAFKA, Franz. **O Castelo.** Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo SP: Martin Claret; 2006. 338 pág.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose.** Tradução: Modesto Carone. São Paulo SP: Companhia das Letras, 2007, 96 pág.

ROCHLITZ, Rainer. **O Desencantamento da Arte: A Filosofia de Walter Benjamin.** Tradução: Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru SP: EDUSC, 2003. (Coleção Ciências Sociais).

SCHNEIDER, Paulo Rudi. **A Contradição da Linguagem em Walter Benjamin.** Ijuí RS: Editora Unijuí, 2008. 460 pag. (COLEÇÃO FILOSOFIA).